DOI: 10.30612/mones.v14i28.19297

MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD

O Rio de Janeiro no circuito (inter)nacional racializado do turismo: a "Cidade Maravilhosa" construída por regimes de (i)mobilidade

Caroline Gonçalves Coutinho Gomes
Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: carolinegomes@iesp.uerj.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4914-4609

Resumo: Este artigo investiga a interseção entre a fabricação do Rio de Janeiro como destino turístico e a gestão territorializada da violência urbana. A partir da análise do álbum fotográfico "*Life Style*" produzido pela Riotur, empresa oficial de turismo da cidade, argumento que a imagem do Rio que circula no mercado (inter)nacional é construída por meio de regimes racializados de (i)mobilidade. Tais regimes posicionam a praia e os corpos brancos como representações legítimas do cotidiano carioca, enquanto restringem a visualidade de pessoas negras e dos territórios por elas majoritariamente habitados. Sustento que esse processo ultrapassa as escolhas estéticas do enquadramento fotográfico, remetendo a uma política de representação que estrutura o espaço urbano de forma racializada. Para desenvolver esse argumento, analiso os efeitos da política de segurança pública conhecida como "Operação Verão", que atua nas praias da cidade e impacta significativamente a mobilidade de jovens negros e suburba-

nos. A partir de uma concepção relacional e não essencialista de "pessoas" e "espaços", proponho que regimes racializados de (i)mobilidade participam ativamente da produção de um Rio de Janeiro vendável ao circuito (inter)nacional de turismo.

Palavras-chaves: turismo; Rio de Janeiro; regimes de (i)mobilidade; raça; urbano

Rio de Janeiro in the racialized (inter)national circuit of tourism: the "Marvelous City" built on regimes of (im)mobility

Abstract: This article investigates the intersection between the fabrication of Rio de Janeiro as a touristic destination and the territorialized management of urban violence. Starting from an analysis of the photo album "*Life Style*" produced by Riotur, the city's official tourism agency, I argue that the image of Rio circulating in the (inter)national market is constructed through racialized regimes of (im)mobility. These regimes position the beach and the white bodies as legitimate representations of everyday life in Rio, while restricting the visibility of black people and the spaces they predominantly inhabit. I contend that this process goes beyond the aesthetic choices of photographic framing, reflecting a broader political representation that structures the urban space in racialized ways. To develop this argument, I examine the effects of the public security policy known as "Operação Verão" (Summer Operation, in free translation), which targets Rio's beaches and significantly impacts the mobility of black and suburban youth. Drawing on a relational and non-essentialist understanding of "people" and "spaces", I suggest that racialized regimes of (im)mobility actively shape the making of a marketable Rio de Janeiro for the (inter) national circuit of tourism.

Keywords: tourism; Rio de Janeiro; regimes of (im)mobility; race; urban

Río de Janeiro en el circuito (inter)nacional racializado del turismo: la "Ciudad Maravillosa" construida por regímenes de (in)movilidad

Resumen: Este artículo explora la intersección entre la fabricación de Río de Janeiro como destino turístico y la gestión territorializada de la violencia urbana. A partir del análisis del álbum fotográfico "*Life Style*", producido por Riotur, la agencia oficial de turismo de la ciudad, se argumenta que la imagen de Río que circula en el mercado (inter)nacional se construye mediante regímenes racializados de (in) movilidad. Dichos regímenes posicionan la playa y los cuerpos blancos como representaciones legítimas del cotidiano de Río, mientras restringen la visualidad de las personas negras y de los territorios que habitan mayoritariamente. Se plantea que este proceso va más allá de las elecciones estéticas del encuadre fotográfico, remitiendo a una política de representación que estructura el espacio urbano de forma racializada. Para desarrollar este argumento, se analizan los efectos de la política de seguridad pública

conocida como “Operação Verão” (Operación Verano, en traducción libre), que actúa en las playas de la ciudad e impacta significativamente en la movilidad de jóvenes negros y suburbanos. A partir de una concepción relacional y no esencialista de “personas” y “espacios”, propongo que los regímenes racializados de (in)movilidad participan activamente en la producción de un Río de Janeiro vendible al circuito turístico (inter)nacional.

Palabras clave: turismo; Río de Janeiro; regímenes de (in)movilidad; raza; urbano

Recebido em: 27/11/2024
Aceito em: 02/10/2025

INTRODUÇÃO

No dia 02 de dezembro de 2023, Marcelo, um morador de Copacabana, foi assaltado e agredido com um soco no rosto em uma das principais vias do bairro que dá acesso ao espaço da orla. O caso repercutiu e gerou distintas estratégias por parte dos moradores. A vítima, um empresário branco de meia-idade, diz que mudou a sua rotina ao adotar o "celular do ladrão"[1]. Outros grupos de moradores mobilizaram uma força tarefa[2] que incitou a prática de "justiça com as próprias mãos" para combater assaltantes na região, por meio de chamadas nas redes sociais. Em meio ao impacto gerado pela circulação de notícias sobre a agressão, o que mais chama a minha atenção nesse episódio diz respeito a um fenômeno bastante conhecido pelos cariocas no verão: a associação entre a chegada da estação e o aumento de roubos na região oceânica.

Não necessariamente ocorre uma maior incidência de assaltos na praia neste período do ano, mas tal narrativa vem sendo construída há pelo menos 30 anos, especialmente após o verão dos anos 1990, conhecido como o "verão do arrastão"[3], quando imagens de multidões de pessoas correndo para se salvar da série de roubos à beira-mar ficaram registradas na memória carioca. O medo da ocorrência de assaltos na praia leva a um maior policiamento da região no período do verão, sendo expressado especialmente por uma política de segurança pública chamada "Operação Verão", cujo objetivo é policiar o espaço da orla, garantindo a ordem e a segurança dos banhistas.

Inicio o artigo com uma breve menção ao caso de Marcelo, pois o considero um exemplo simbólico de dois fenômenos sociais que analiso aqui: o papel da praia no turismo do Rio de Janeiro; e a administração da violência urbana a partir de uma lógica territorializada. As cenas do empresário sendo agredido em um dos principais cartões-postais do estado constituem a última imagem que os órgãos públicos desejam construir sobre suas zonas turísticas. Nesse contexto, convido a leitora a pensar sobre os processos materiais e representacionais envolvidos na fabricação da imagem do Rio (turístico), em que a violência se mostra incoerente à estética almejada pelo cartão-postal.

Ao pensar em "fabricação" do Rio de Janeiro como um destino turístico, parto de uma perspetiva que compreende qualquer ponto turístico como socialmente construído (Gomes,

1 O "celular do ladrão" é um termo usado para exemplificar a prática de andar com dois celulares – o celular verdadeiro e de uso contínuo; e um celular mais velho –, para que, em uma eventual situação de assalto, apenas o celular velho seja entregado ao assaltante.
2 Para saber mais sobre esse caso, ver: CNN Brasil, 2023.
3 Em 2015, o jornal O Globo trouxe uma notícia que discutia a continuidade do fenômeno dos arrastões após duas décadas. Apesar de momentos de maior ou menor incidência, a forma com que o poder público reage ao problema é semelhante: o reforço ao policiamento; e a realização de revistas policiais em ônibus que se encontram a caminho da orla. Ver: O Globo, 2015.

CC BY NC SA

2011). Neste artigo, desmonto a imagem oficial do Rio de Janeiro ao iluminar como sua construção é condicionada por um regime de (i)mobilidades que controla, simbólica e concretamente, a presença da negritude no espaço urbano.

Para construir esse argumento, tomo o álbum fotográfico "*Life Style*" da Riotur[4] como material empírico para analisar o que, quem e onde a empresa oficial de turismo do município do Rio de Janeiro mobiliza para representar o "estilo de vida carioca". A análise das fotografias nos permite observar, em primeiro plano, que os lugares eleitos para representar o cotidiano carioca são a praia e a Zona Sul[5] da cidade, visto que a maioria das fotos do álbum revela pessoas praticando esportes, divertindo-se ou simplesmente relaxando no espaço da orla. Um olhar mais atento, todavia, revela uma ausência nas fotografias: a pouca, ou muitas vezes, nenhuma presença de pessoas negras. Mais ainda, a ausência de espaços como favelas e lugares fora da Zona Sul da cidade, restringindo o repertório de lugares mobilizados para representar o estilo de vida carioca e, portanto, o Rio no turismo (inter)nacional[6].

Partindo de uma perspectiva que compreende o olhar do turista como "tão socialmente organizado e sistematizado quanto o de um médico" (Urry; Larsen, 2022, p. 26), convido a leitora a desnaturalizar os cartões-postais do Rio de Janeiro e pensar sobre os esforços públicos e privados despendidos na produção dessas mercadorias. Olhar os cartões-postais de forma crítica exige observar o que, onde, quem e em quais termos as pessoas são convidadas a estar nesses espaços. A partir do material imagético da Riotur, argumento que o Rio de Janeiro (turístico) é fabricado através de regimes de (i)mobilidade, que hiper-mobilizam a estética da branquitude ao apresentar corpos brancos e lugares majoritariamente resididos por eles como representantes do cotidiano carioca; ao mesmo tempo em que policiam continuamente a circulação da negritude.

Por outro lado, a imagem do Rio (turístico) é fabricada para além das escolhas de enquadramento do fotógrafo, sendo orientada por uma estética política de como a cidade deveria ser. A leitora observará que os sujeitos negros, quando retratados nas fotografias do álbum "*Life Style*", ocupam um lugar de serventes, quem torna possível o estilo de vida carioca com a

4 Disponível em: https://www.flickr.com/photos/riotur/albums/72157717938824121. A Riotur possui todos os direitos reservados destas fotografias. Acessado em 13 de novembro de 2025.

5 A Zona Sul é a região da cidade do Rio de Janeiro onde estão localizados seus mais conhecidos cartões-postais, como o Corcovado e a Praia de Copacabana. Além disso, é também a parte "mais nobre" da cidade, cujos habitantes são, em sua maioria, racializados como brancos. Em um estudo sobre a divisão espacial-racial do Rio de Janeiro, Pereira (2015) mostra que os bairros mais próximos da praia, como na Zona Sul, são altamente brancos. Em contrapartida, os bairros em direção ao subúrbio e periferias da cidade são maioritariamente habitados por pessoas não-brancas.

6 Neste artigo, escrevo a palavra "internacional" de forma a salientar o "inter", fazendo uso de parênteses. O intuito é chamar atenção da leitora sobre a imbricação entre o global e o local na construção do Rio (turístico), na medida em que as fronteiras entre o internacional e o doméstico não são fixas e naturais (Campbell, 1992; Walker, 2006).

venda de objetos, alimentos e bebidas na praia. Essa representação é um bom caso para pensar sobre como o trabalho (in)formal se torna um "passe" à circulação e à presença de pessoas negras em certos espaços da cidade.

Por outro lado, a partir da análise da "Operação Verão", apresento como outras circulações, fora do regime laboral, de sujeitos racializados são continuamente desestimuladas. Longe de ser um lugar democrático (Farias, 2016), a praia também faz parte de uma administração territorial da violência, que controla a circulação de sujeitos negros e favelados na cidade. Constitui-se, deste modo, um Rio (turístico) onde a negritude tem a sua visualidade controlada – efeito da produção de uma cidade anti-negra (Telles, 2020). Digo "controle", pois não há um todo à parte do devir negro da imagem oficial do Rio, mas existe uma gestão na forma como pessoas negras são chamadas a constituírem esses espaços; imagem esta que norteia a construção de uma ordem urbana racializada no Rio de Janeiro.

Diante dessas dinâmicas, o conceito de "ancoradouro" nos permite pensar, simultaneamente, as disputas em torno da circulação, os mecanismos de controle e as imagens que organizam o desejo turístico. Para Freire-Medeiros e Name (2019), ancoradouros são infraestruturas e pontos relativamente fixos que funcionam como condições de possibilidade do movimento. Mais do que paradas, são lugares onde diferentes mobilidades se encontram, se tensionam e se organizam (Freire-Medeiros, 2022).

Neste trabalho, interpreto a praia como um ancoradouro em duas dimensões. Primeiro, por sua centralidade nas imagens oficiais da cidade, ela funciona como porta de entrada simbólica e material para um Rio que se deseja projetar no circuito internacional do turismo. Em segundo lugar, e em linha com meu ponto anterior, o espaço da praia é uma expressão empírica do que já foi diagnosticado por alguns autores: a relação imbricada entre mobilidades e imobilidades (Adey, 2006; Hannam et al., 2006). Neste contexto, o espaço urbano é produzido desde as (i)mobilidades dos corpos, em que há uma gestão diferenciada das fricções, tornando a mobilidade mais ou menos facilitada para alguns, a depender dos marcadores sociais que o sujeito carrega em seu corpo (Mano, 2021). Ainda que composta por elementos naturais, essa paisagem é atravessada por intensos processos de ordenamento urbano, por meio dos quais se administra quem circula nesse espaço e como. Em outras palavras, a praia não é um dado da natureza, mas uma construção política, algo que exploro em maior profundidade neste artigo ao analisar a "Operação Verão".

Para desenvolver esse argumento, este artigo está dividido em duas seções analíticas, para além desta introdução e as considerações finais. Na primeira seção, parto de uma discussão sobre o entrelaçamento do olhar imperial e do turista para analisar as representações racializadas nas fotografias do álbum "Life Style" da Riotur. Na segunda seção, analiso como a "Operação Verão" produz fricções à mobilidade de pessoas negras em direção ao espaço da praia.

CIDADE MARAVILHOSA: IMBRICAÇÕES ENTRE O OLHAR DO TURISTA E O OLHAR IMPERIAL

Atualmente, o álbum "*Life Style*" da Riotur é composto por 256 imagens. Destas, apenas dez não representam a região da Zona Sul[7]. O imaginário coletivo cristalizado nessas fotos pode parecer, a qualquer um que tenha conhecimentos geográficos básicos do Rio de Janeiro, algo extremamente esperado. Isso porque a Zona Sul é a região onde se localizam os principais cartões-postais do Rio de Janeiro, como o Corcovado, a Praia de Copacabana e a Lagoa Rodrigo de Freitas, sendo os principais lugares responsáveis pelo título "Cidade Maravilhosa", pelos quais a cidade é conhecida. O papel da Zona Sul na construção da imagem do Rio como "naturalmente belo" está refletido em produções culturais que vão desde novelas brasileiras até músicas da bossa nova. Por exemplo, na canção mundialmente conhecida "Garota de Ipanema", Tom Jobim descreve a confluência entre a beleza do bairro e da mulher (carioca) amada. Assim, o álbum "*Life Style*" não é uma exceção na representação imagética do Rio de Janeiro, e sim expressão de uma construção social que coloca a Zona Sul como atrelada a categorias identitárias fundamentais do Rio de Janeiro, sobretudo a uma elite carioca (O'Donnell, 2013).

Aqui, meu ponto é que esses espaços não são naturalmente turísticos, a despeito da presença de elementos naturais. Pressupondo a artificialidade de qualquer cidade turística, há certos lugares, pessoas, costumes e práticas que são eleitos como suficientemente atrativos para representar uma cidade (Gomes, 2011), constituindo assim o seu "lado turístico". Já o "outro lado", marcado pela carência desses elementos urbanos, é considerado como um que não vale a visita e que pode ser até perigoso, pois foge do circuito tradicional de turismo da cidade. Deste modo, a cidade turística é construída a partir de "processos de seleção e visibilização de certas características do lugar e de esquecimento ou menosprezo de outras" (Gomes, 2011, p. 1).

O álbum "*Life Style*" constrói uma associação entre a Zona Sul e a identidade carioca, dada a recorrência com que morros, praias e outros pontos localizados nessa parte da cidade são estampados nas imagens da Riotur. Assim, o álbum coloca essa região como o lócus por excelência do carioca nato, onde o turista conseguiria ver a "genuína identidade do Rio" em ação. As imagens abaixo compõem uma pequena amostra do que a leitora pode observar no álbum "*Life Style*", com fotografias retiradas entre 2009 e 2016, grande parte das quais ainda se encontra disponível no mencionado álbum no contexto de publicação deste artigo:

7 Nas fotografias onde a Zona Sul não é o cenário principal, a praia ainda figura como o lugar de identificação do "carioca por excelência": Praia da Barra e Praia da Macumba, ambas localizadas na Zona Oeste da cidade.

Imagem 1



Créditos: Pedro Kirilos, 2009; disponível em Riotur - “Life Style”.

Imagem 2



Créditos: Alexandre Macieira, 2013; disponível em Riotur - “Life Style”.

CC BY NC SA

Imagem 3



Créditos: Alexandre Macieira, 2016; disponível em Riotur - "Life Style".

As imagens do álbum reproduzem uma relação entre corpo e praia que, historicamente, está presente na construção, para o turista, do imaginário sobre o que é o Rio de Janeiro, como apontam Siqueira e Siqueira (2011). Diferentemente dos cartões-postais dos anos 1980 analisados pelos autores, não há uma objetificação do corpo feminino, destacando coxas, nádegas e costas. No álbum "*Life Style*", os protagonistas das imagens são o espaço da praia e uma sociabilidade praiana composta por pessoas de pele clara, que desfrutam do ambiente em busca de seus lazeres e prazeres, seja através da prática de esportes, do relaxamento na areia enquanto bronzeia a pele, ou um refrescante banho de mar. Em comum, todas as imagens possuem a referência a um Rio de Janeiro marcado por um estilo de vida hedonista, saudável e despojado, sendo a praia o palco dessa identidade.

Em sua obra *A invenção de Copacabana*, O'Donnell (2013) nos ajuda a descontruir essa correlação entre o carioca e a praia a partir de um estudo sobre a invenção material e simbólica do bairro de Copacabana. A reconstrução da história do bairro desnaturaliza os processos representacionais não só de Copacabana, mas da praia e da região oceânica como um todo. O'Donnell (2013) observa que o significado da praia enquanto um espaço de lazer e diversão não é algo inato a esse espaço. Pelo contrário, por muito tempo, a praia significava apenas um local de trabalho voltado para a atividade portuária e pesqueira, além de ser um lugar de descarte de corpos de pessoas escravizadas e/ou dejetos. Em "A praia carioca, da colônia aos anos 90", Farias (2000) coloca que o significado da praia como um espaço de beleza e desfrute foi construído ao longo do século XX, especialmente, por influência europeia a partir da associação entre mar e salubridade.

Nesse sentido, tanto O'Donnell (2013) como Farias (2000) nos ajudam a questionar a orla tal como a conhecemos hoje, pois iluminam as relações sociais que levaram a cabo um "projeto praiano-civilizatório de fazer Copacabana um território naturalmente associado à modernidade, à salubridade e à elegância" (O'Donnell, 2013, p. 16). No caso de Copacabana, O'Donnell (2013) discute os processos de construção da infraestrutura de mobilidade, de habitação e de hábitos essenciais na concretização do projeto do então novo bairro do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, a autora analisa como atores públicos e privados estiveram profundamente engajados no desmantelamento da antiga vida no espaço que se tornaria "Copacabana". Nesse processo, a produção do novo bairro apoiou-se no desmantelamento e na expulsão daquilo e daqueles vistos como incoerentes ao projeto de Copacabana, em especial famílias de pescadores em seus casebres (O'Donnell, 2013).

Apesar de estarmos aqui falando sobre um objeto de pesquisa diferente, ao questionar representações que associam Copacabana aos "signos básicos de prestígio, status e civilidade" (O'Donnell, 2013, p. 15), onde existiria uma predestinação natural à vida praiana, O'Donnell nos faz refletir sobre a construção de um estilo de vida associado ao Rio de Janeiro por meio do estímulo a certos hábitos. Deslocando-me de Copacabana do século XX e pensando na escolha da orla como representativa do Rio (turístico), observo que há convergências nos processos de ordenamento urbano que esquecem, invisibilizam e desestimulam certos lugares e sociabilidades na orla.

Para pensar o papel da praia para o turismo no Rio de Janeiro, construo este espaço enquanto um "ancoradouro", com vistas a lançar luz às (i)mobilidades racializadas que o constituem. Freire-Medeiros (2022, p. 70) utiliza o ancoradouro como instrumento analítico-metodológico que funciona como um lócus privilegiado para a observação das "convergências de mobilidades múltiplas e cruzadas", sejam corpóreas, imagéticas, virtuais e comunicativas. Definido como uma "categoria relacional e elemento estruturante da dialética mobilidade-imobilidade" (Freire-Medeiros, 2022, p. 10), o "ancoradouro" revela a necessidade de um arranjo relativamente fixo como condição para que o movimento aconteça.

Em suas pesquisas sobre turismo e informalidades urbanas, Freire-Medeiros (2022) construiu a díade laje-ancoradouro. A figura da "laje" faz referência a uma materialidade relativamente fixa, mas em contínua mutação através de novos empreendimentos de seus proprietários. Isso oferece à laje um caráter indefinido a partir dos seus diversos usos, em que ora pode ser teto, ora piso. É nesse sentido que a laje é interpretada como ancoradouro, dados os diferentes fluxos que a atravessam: crianças que soltam pipas, churrascos em família, rota para mudanças de mobília, e até mesmo um espaço de perseguição entre bandidos e policiais. Para Freire-Medeiros (2022), a laje é um dos principais elementos materiais que colocaram a favela em circulação no mercado internacional de turismo. Ao ser transformada em um mirante informal nas "favelas tour", a laje foi constituída como "palco pedagógico" (Freire-Medeiros, 2022,

p. 75) aos turistas interessados em compreender e "experimentar" a pobreza urbana. Assim, o mirante da laje permite uma visão privilegiada do *continuum* favela-cidade a partir do contraste entre a arquitetura da favela e os prédios luxuosos do asfalto. É, portanto, a partir da materialidade da laje que se constrói e circula um imaginário sobre o que é o Brasil aos olhos dos "gringos".

Deslocando-me da favela em direção às rotas tradicionais do turismo carioca, interessa-me observar como a praia opera como ancoradouro que coloca o Rio de Janeiro em circulação neste mercado. Assim como o turista que opta por realizar um *tour* pela favela antecipa o mirante-laje, esse mesmo turista também espera a praia e a vida praiana quando decide visitar o Rio. No entanto, a questão que me interessa aqui é: qual sociabilidade de vida praiana é eleita para estar visível nas imagens de divulgação oficial do turismo da cidade? No caso das imagens disponibilizadas pela Riotur, os fluxos privilegiados na representação da identidade carioca são aqueles que hiper-mobilizam uma estética da branquitude enquanto foco da lente do fotógrafo. A maioria das imagens não nos mostra pessoas negras enquanto protagonistas, além de não retratarem práticas outras tão comuns às praias do Rio, como a "marquinha de fita", aparelhos de rádio e *coolers* com bebidas e comidas, práticas que representam o lazer tanto quanto o surfe, banho de mar e esportes nos usos da praia.

Por outro lado, as fotografias apresentam o corpo branco, dourado do sol de Ipanema[8], e a Zona Sul como os elementos chamados a representar o cotidiano da vida carioca ao turista. Considerando que o olhar do turista é "uma visão construída através de imagens móveis e tecnologias de representação" (Urry; Larsen, 2022, p. 28), enfatizo a importância de analisar meticulosamente os efeitos de racialização produzidos pelas imagens da Riotur. Isso porque o olhar do turista é enquadrado para que ele veja, antecipe e conheça um Rio e um carioca próximos àquele descrito por O'Donnell (2013) em *A invenção de Copacabana*, o que acaba por colocar lugares e pessoas que não se enquadram nesse olhar à margem desta imagem oficial.

Partindo do entendimento de que as margens não são apartadas ou excepcionais, mas constitutivas do que está no centro (Das; Poole, 2004), cabe destacar que as pessoas negras não estão completamente ausentes nas fotografias da Riotur. Nas poucas imagens em que aparecem no primeiro plano, esses sujeitos são representados na posição de trabalhador, a serviço do turista e do "carioca da gema"[9]. É possível observar esse enquadramento nas fotografias abaixo, tiradas, respectivamente, em 2012 e 2016, e também disponibilizadas no álbum "*Life Style*" da Riotur no contexto em que este artigo foi publicado.

8 Referente à música "Garota de Ipanema", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes (1962).
9 Expressão popular usada para referenciar pessoas que nasceram na cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 4



Créditos: Alexandre Macieira, 2012; disponível em Riotur - “Life Style”.

Imagem 5



Créditos: Alexandre Macieira, 2016; disponível em Riotur - “Life Style”.

CC BY NC SA

Nas imagens 4 e 5, as pessoas negras fotografadas ocupam o espaço da orla de maneira bem diferente das imagens 1, 2 e 3: elas não estão posicionadas como banhistas que aproveitam o espaço da praia, não estão gozando desse estilo carioca de viver. Integram essas imagens por meio de sua força de trabalho, a partir de uma representação de prestadores de serviço àqueles que se divertem na praia. Neste contexto, as pessoas negras são reveladas como condição de possibilidade para a própria existência do *life style* carioca. Dessa forma, as fotografias da Riotur reproduzem o que Gonzalez (1982) conceitua como "lugar de negro", em que a posição social destinada a este sujeito na sociedade brasileira é, sobretudo, a de serviçal. Portanto, a imagem da "Cidade Maravilhosa" veiculada pela Riotur é construída através de regimes de (i)mobilidade que incluem os corpos negros em nossas zonas turísticas em termos específicos. Esses regimes orientam a forma com que se permite que as pessoas negras "experienciem" a cidade: no caso do cotidiano carioca, desde que na posição de serviçais.

Mesmo em momentos extraordinários, a presença da negritude é regulada: no carnaval, por exemplo, para que este corpo seja o protagonista e o ponto focal das fotografias[10], é preciso que encarne os desejos do olhar do branco e, portanto, sua presença se dá ao serviço de "entreter os convidados com a imagem nua do Outro", como coloca hooks (2019, p. 131) em outro contexto. Aciona-se, em especial, a figura da "mulata", segundo a qual as mulheres negras precisam performar e ocupar um espaço específico, da nudez e da sensualidade exacerbada, para que possam representar os cartões-postais do Rio de Janeiro. Como já discutido por Gonzalez (1984, p. 228), entretanto, o fim da festa na Sapucaí arrasta essa mulher ao ordinário, onde é a condição de servente e empregada doméstica que lhe permite ocupar as posições que o álbum "*Life Style*" (re)produz em suas fotografias.

Assim, o olhar do turista é construído de maneira imbricada ao que Fanon (2008) diagnostica como "olhar imperial", um olhar orientado pela perspectiva do branco, de forma que os lugares e corpos identificáveis à branquitude são os convidados a serem vistos, ouvidos e sentidos no urbano, neste caso, carioca (Telles, 2020). Dito de outro modo, o olhar imperial opera no olhar turístico tornando a negritude não excluída, mas delimitada aos parâmetros permitidos pelo branco, de forma que "o negro não tem mais que ser negro, mas sê-lo diante do branco" (Fanon, 2008, p. 104).

Considerando a preocupação da Riotur em construir uma imagem sobre o Rio de Janeiro que não associe a cidade à violência urbana (Gomes, 2022), a não aparição das favelas nas imagens como parte do ordinário compõe uma estratégia mais ampla. Ou seja, há a exclusão categórica dos espaços entendidos como difusores do perigo na cidade (Machado Da Silva,

10 Recomenda-se a observação dos álbuns fotográficos sobre o carnaval, disponíveis na conta oficial da Riotur na rede social flickr, disponível aqui: https://www.flickr.com/photos/riotur/albums/72177720298318690. A Riotur possui todos os direitos reservados destas imagens. Acessado em 15 de novembro de 2025.

2008, pp. 20-21). Dessa forma, a estética da violência e a precariedade das favelas são "excessos" incompatíveis com a imagem desejada pelo Rio (turístico), fazendo de seu apagamento um caminho para a produção da "Cidade Maravilhosa".

Observar a posicionalidade de pessoas negras nas fotografias foi um caminho para discutir os regimes de (i)mobilidade que atravessam estes corpos, isto é, questionar sobre as condicionalidades da circulação dessas pessoas na cidade, para quê devem circular. Neste contexto, o álbum "*Life Style*" é uma porta para entender o Rio de Janeiro além da metáfora da "cidade partida" (Ventura, 1994). Ao invés de identificar uma não-comunicação entre esses dois espaços, coloco o quão dependente o asfalto é da favela para a constituição do seu "bem viver". Nas palavras de Franco[11] (2014, p. 61):

> O fato é que, se os "favelados" não "descessem" ou viessem para o asfalto para a execução de vários trabalhos, inclusive em serviços e residências dos setores médios ou dominantes da sociedade, a cidade praticamente pararia, pois a classe trabalhadora pertencente a esses espaços não ocuparia seus postos de trabalho.

As palavras de Franco explicitam como o Rio de Janeiro é produzido através de "encontros forçados" entre quem cuida e quem é cuidado. Analisando os condomínios fechados como janelas privilegiadas para a interpretação de uma racionalidade de segregação inclusiva, Furtado (2022) teoriza como o sonho da auto-segregação desse espaço nunca será concretizado; está fadado ao fracasso. A própria existência e manutenção do estilo da (boa) vida do condomínio depende da circulação de outros sujeitos, geralmente racializados como negros: porteiros, babás, faxineiros, entre outros. O ambiente do condomínio promove, portanto, "encontros forçados" com a diferença (Furtado, 2022). Em linha com o argumento do autor, entendo que a alteridade representada por pessoas negras não consegue ser banida por completo do espaço do Rio (turístico), pois a (i)mobilidade dessas pessoas é o que torna possível a circulação do Rio de Janeiro no mercado turístico. Afinal, é o trabalho (in)formal que permite a realização da economia do cuidado e lazer, elementar a essa indústria.

Assim, o trabalho se constitui enquanto um "passe" às circulações e presenças do corpo negro nas zonas turísticas racializadas. Considerando a Zona Sul e a região da orla como espaços majoritariamente habitados por pessoas brancas, a construção da imagem oficial do estilo de vida carioca faz paralelo àquilo que Anderson (2015) afirmou sobre o contexto

11 Marielle Franco foi uma mulher negra e favelada, que lutou a vida inteira pelos direitos humanos (Instituto Marielle Franco, 2022). Eleita vereadora do Rio de Janeiro em 2016, foi brutalmente assassinada em 2018. O caso continua sem uma solução final, uma vez insaciada a pergunta "Quem mandou matar Marielle?", apesar da prisão de executores do crime (The Guardian, 2024). No período de escrita final deste artigo, ainda não se sabe quem foi o mandante da execução da vereadora.

estadunidense. Ao discutir as permissividades de pessoas negras em "espaços de branco", o autor afirma que:

> a pessoa negra mais facilmente tolerada no espaço branco geralmente é aquela que está "no seu lugar" — *ou seja, aquele que trabalha como zelador ou prestador de serviço, ou que tenha sido avalado por pessoas brancas de boa reputação*. Essa pessoa é entendida como menos propensa a causar distúrbios na ordem racial implícita — brancos como dominantes, e negros como subordinados (Anderson, 2015, p. 13, tradução e grifos meus)[12].

Lançar luz sobre os regimes de (i)mobilidade constitutivos da praia nos ajuda a observar uma analogia com aquilo que descreve Anderson (2015) com relação à associação da pessoa negra dentro da disciplina laboral com alguém menos propenso a causar distúrbios na ordem racial de um espaço. Na próxima seção, exploro justamente essas sociabilidades entendidas enquanto disruptivas da ordem através de uma análise sobre a "Operação Verão". Como já anunciado, considero que o Rio (turístico) não é formado apenas por uma seleção imagética da empresa oficial de turismo, mas também pela própria produção da ordem urbana. Deste modo, argumentarei como o policiamento daqueles considerados suspeitos na praia é efeito de um ordenamento urbano que, assim como a imagem da Riotur, se respalda em um branqueamento da orla.

CONDIÇÕES PARA O CIRCULAR: A "OPERAÇÃO VERÃO"

Diante da centralidade do espaço da orla à representação oficial do estilo de vida carioca, investigo aqui uma política de segurança pública empreendida na praia: a "Operação Verão". Nesta seção, proponho uma reflexão sobre como essa política realiza a gestão do fluxo de pessoas que produz a praia-ancoradouro para o turismo (inter)nacional do Rio de Janeiro.

Em termos institucionais, a "Operação Verão" é uma política de segurança pública realizada pela Secretaria Municipal de Ordem Pública do Rio de Janeiro (SEOP) e pela Guarda Municipal. Trata-se de uma política de segurança multifacetada, pois conta com a parceria de várias instituições, como a Rondas Especiais e Controle das Multidões (RECOM), o Regimento

12 No original: "the most easily tolerated black person in the white space is often one who is "in his place"—that is, one who is working as a janitor or a service person or one who has been vouched for by white people in good standing. Such a person may be believed to be less likely to disturb the implicit racial order—whites as dominant and blacks as subordinate".

de Polícia Montada (RPMont) e a Secretaria de Transporte. A "Operação Verão" foi formalmente batizada em 2014, mas sempre houve um maior grau de policiamento nas praias do Rio de Janeiro durante a estação (Brito, 2017, p. 172), especialmente após o verão do ano de 1990, conhecido como o "verão do arrastão".

Segundo a Prefeitura da cidade, o objetivo da Operação é promover uma maior sensação de segurança aos banhistas e demais cidadãos, por meio do trabalho integrado com as forças de segurança, como as Polícias Militar e Secretaria de Ordem Pública (SEOP). Com isso, o ordenamento urbano no espaço da orla é empreendido em frentes distintas: há a fiscalização do comércio ambulante, de quiosques e da prática de esportes nas areias; o patrulhamento da orla por câmeras de vigilância para prevenir e evitar possíveis roubos; e até o policiamento das formas de acesso à praia por diferentes meios de transportes, como as linhas de ônibus e transportes complementares (G1, 2025). Ainda, a implementação da "Operação Verão" não se dá de modo restrito à referida estação: com efeito, tem início mesmo antes da chegada oficial do verão no hemisfério Sul[13]. É sua maior intensidade que se concentra entre os meses de dezembro a fevereiro, especialmente devido ao aumento no fluxo de turistas e visitantes na cidade.

Em sua análise sobre esta política de segurança pública, Brito (2017) argumenta que os cidadãos a serem protegidos pela "Operação Verão" fazem parte de um grupo específico: a classe média-alta (branca) e moradora da Zona Sul. Ou seja, a "Operação Verão" existe principalmente para proteger e evitar casos contra pessoas como Marcelo, em referência ao relato com que iniciei este artigo. Na mídia carioca, os moradores dessa região, em especial aqueles cujas residências são próximas à orla, são as principais vozes chamadas para relatarem o "problema da insegurança" nas praias. Essas vozes constroem uma narrativa que estabelece de onde está vindo o problema e, nesta construção discursiva, o jovem suburbano negro é enquadrado como ameaça a ser contida em nome da proteção dos banhistas (Brito, 2017; Squillace, 2020; Polycarpo, 2021). Os trechos abaixo ilustram o papel ativo da mídia carioca na construção desta narrativa:

> Na ocasião, ele [Beltrame, secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro de 2007 a 2016] adiantou que a polícia retomaria as blitzen e a revista de menores suspeitos no caminho da praia. "Como pode um pai largar um jovem em São João de Meriti, a 30 km, somente de calção pra ele passar o dia na praia; vai comer o que, vai beber o que? Vai pagar o transporte de que forma?", questionou Beltrame ao comentar a questão da vulnerabilidade de crianças e adolescentes (G1, 2015).

13 No ano de 2025, por exemplo, a Operação Verão foi antecipada para setembro, momento que vivíamos ainda a primavera no Hemisfério Sul. Ver: G1, 2025.

> "Eles entram nos ônibus pela janela, saem pelo teto. Os ônibus já entram na [Avenida] Princesa Isabel lotados. O trânsito fica inviável, porque eles correm para o meio da rua para querer parar o ônibus. E o motorista fica amedrontado", afirmou uma moradora da região (G1, 2021).

A identificação de onde emana o perigo estabelece quem será o alvo da "Operação Verão" e quais medidas devem nortear esta política de segurança. Embora não seja realizada em regiões periféricas, a referida Operação reproduz uma lógica territorializada da gestão da violência no Rio de Janeiro a partir do estabelecimento do sujeito que deve ser contido pelas forças de segurança. Uma lógica que enquadra territórios favelados enquanto um "valhacouto de criminosos que interrompem, real ou potencialmente, as rotinas que constituem a vida ordinária na cidade" (Machado da Silva, 2010, p. 297).

A "Operação Verão" conta com a parceria entre a Polícia Militar e dois sindicatos patronais das empresas de ônibus que atuam na Região Metropolitana (Rio Ônibus e Semove). Essa cooperação visa evitar roubos nos coletivos, atos de vandalismo e a utilização de veículos para obstruir vias públicas, sobretudo, para as áreas que dão acesso à praia (PMERJ, 2025). Também há casos registrados da retirada de pessoas, em sua maioria negras, jovens e vindas de bairros distantes da orla, dos coletivos para serem revistadas e (possivelmente) então levadas à delegacia. Essas cenas são um traço tão marcado dessa Operação, que o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Cristiano Zanin proibiu, em 2024, apreensões de menores na praia que não resultassem de flagrante. Diante das inúmeras críticas às abordagens realizadas por meio da "Operação Verão", modificações nos procedimentos adotados foram objeto de um decreto[14], promulgado após negociações e acordos entre a Justiça e a Assistência Social do Rio de Janeiro.

A "Operação Verão" mostra que a lógica da territorialização da violência não se limita à favela, mas atravessa os sujeitos que carregam os marcadores sociais de classe e raça associados a esse espaço (Machado da Silva; Menezes, 2019). Considerando o papel da Secretaria de Transportes nesta política, um de seus principais pilares remete ao controle da mobilidade de "suspeitos" ou, na linguagem de Foucault (2008), a separação dos bons e dos maus fluxos. Foucault (2008) compreende a fabricação da cidade de modo interssecionado com a ação da

14 O referido decreto determina um novo protocolo de abordagem para pessoas menores de idade fora de contextos de flagrante ou mediante ordem judicial. O protocolo adotado a partir de 2024 estipula que a revista pessoal só pode ser realizada na presença de um responsável legal ou conselheiro tutelar. Ainda, o policial deve registrar toda a revista com a câmera corporal de sua farda, em caso de flagrante. Além disso, a abordagem deve ser empática e respeitosa, sendo proibida a condução de pessoas menores de idade na parte traseira das viaturas policiais. Por fim, o SAMU precisa ser acionado, caso a pessoa esteja sob o efeito de drogas ou com a saúde comprometida. Para mais informações, ver: G1, 2024.

polícia, em que esta não se reduz à instituição em si, mas a "qualquer ação" no espaço público cujo intuito seja produzir e manter a ordem urbana. Em suas palavras:

> Coexistência dos homens, circulação das mercadorias: seria necessário completar dizendo também circulação dos homens e das mercadorias uns em relação aos outros. *É todo o problema justamente, desses vagabundos, das pessoas que se deslocam*. Digamos, em suma, que a polícia é essencialmente urbana e mercantil, ou ainda, para dizer as coisas mais brutalmente, que é uma instituição de mercado, no sentido bem amplo (Foucault, 2008, p. 451, grifo meu).

Mano (2021) argumenta que a gestão diferenciada das fricções dos movimentos produz fronteiras sociourbanas racializadas, de forma que a menor ou maior facilidade na mobilidade dos corpos transforma a composição de um espaço. No caso deste artigo, um dos efeitos da produção de fricções a mobilidades de sujeitos específicos em direção à praia participa da fabricação desse espaço tanto quanto elementos naturais, como a areia e o mar. A mobilidade segura dos banhistas "genuínos"[15] estaria condicionada a uma relativa imobilidade de criminosos em potencial, aqueles que causariam episódios de violência como no caso de Marcelo. Assim, a construção do jovem negro suburbano como "elemento suspeito" à realização de assaltos no espaço da orla autoriza políticas de segurança que tornam a sua movimentação friccionada no urbano. Por outro lado, as fotografias do álbum "*Life Style*" da Riotur nos permitem deduzir que pessoas brancas[16], cariocas e o "turista clássico"[17], são os sujeitos convidados a serem hiper-móveis e, portanto, desfrutar e compor esse espaço.

Neste contexto, Squillace (2020) diagnostica que o policiamento seletivo da "Operação Verão" se baseia em processos de "sujeição criminal" (Misse, 1999), em que uma categoria de sujeitos é identificada como "possível criminoso" ao se assemelharem ao perfil social dos suspeitos. Em uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC, 2021), observou-se um padrão racial e de classe nas abordagens policiais. A fala abaixo de um policial participante da pesquisa torna explícito quem é entendido como elemento suspeito na ordem urbana carioca:

15 A análise dos arquivos referentes à "Operação Verão" revela que esse sujeito "banhista genuíno" corresponde, sobretudo, a moradores da Zona Sul e turistas (Brito, 2017).

16 Considero um processo de "*passing*" (Anderson, 2015) do corpo branco pois, mesmo que este não seja morador de bairros ou regiões próximas à orla, este conseguiria se deslocar nesse espaço com maior facilidade em comparação àqueles corpos enquadrados no paradigma da suspeição.

17 Enloe (2004) discorre como a história do turismo carrega uma mobilidade específica dos corpos desde tempos coloniais, em que viajantes (brancos) se deslocam à procura de destinos "exóticos", cuja população majoritária é racializada como não-branca. Existe, portanto, um padrão histórico de mobilidade dos corpos na indústria turística. Para além disso, apesar do crescimento do turismo de fluxo Sul-Sul, segundo o Observatório Fluminense de Turismo (2019), os visitantes europeus aparecem em segundo lugar na demanda do "produto turístico" Rio.

> Policiais militares que participaram do grupo focal na presente pesquisa afirmam que o "elemento suspeito" seria aquele indivíduo com *"bigodinho fininho e loirinho, cabelo com pintinha amarelinha, blusa do Flamengo, boné..."* (...) "Aquele padrão" de periculosidade justifica uma abordagem, afirmam os agentes, pois, nas palavras de um policial militar, quando *"você vê aquele bigode com reflexo, aquela barba, cabelinho... Aquilo chama a atenção"*. (...) "Às vezes um garoto mora na comunidade, tá com o cabelinho com reflexo. É estereótipo de vagabundo. Ele quer parecer um traficante sem ser. Isso chama a atenção da gente também. Mas quando a gente vê uma pessoa que mora na comunidade, mas não tem esse padrão, a gente acaba filtrando e sabendo quem a gente tá abordando. *Sabe quando é trabalhador e quando não é*" (Ramos et al., 2022, pp. 29-30, grifos meus).

O trecho destacado remete ao papel do trabalho enquanto um passe de circulação a sujeitos negros. Assim, a frase "sabe quando é trabalhador e quando não é" reforça o que discuto sobre quais seriam os bons e os maus fluxos do sujeito negro na ordem urbana. Pensando no Rio (turístico), há um regime de (i)mobilidade constitutivo do espaço da praia a partir da diferenciação entre aquele que é entendido como "trabalhador", quem está cumprindo uma série de protocolos e condutas sociais, e aquele com "bigodinho fininho e loirinho e blusa do Flamengo". Este último está em excesso à estética racial-política almejada para a cidade turística oficial. Este excesso, caso não controlado, produz disjunções no espaço da orla, o que dificulta a circulação de uma imagem paradisíaca do Rio de Janeiro.

Mesmo que não deliberadamente, a "Operação Verão" ajuda na construção da imagem oficial do Rio de Janeiro a partir do embranquecimento do espaço da orla por meio da regulação da mobilidade de pessoas negras e faveladas. Os regimes de (i)mobilidade que atravessam o ancoradouro-praia constituem um Rio (turístico) que condiciona a mobilidade de pessoas negras a certos termos. Pois: o clamor dos moradores da Zona Sul para retirar os ônibus que conectam a região com o subúrbio só é esbravejado até domingo à tarde; na segunda-feira, o bem viver dos patrões depende do trabalho daqueles vindos de longe, trazidos pelos mesmos ônibus considerados indesejáveis, horas antes, em suas ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, estabeleci uma intersecção entre a fabricação do Rio de Janeiro como um destino turístico e a violência urbana. A construção da praia enquanto um ancoradouro foi o recurso analítico encontrado para a realização dessa interlocução. Olhar com atenção ao espaço da praia, através do álbum "*Life Style*" da Riotur e da "Operação Verão", foi uma aposta metodológica para mostrar como a imagem oficial da cidade é condicionada pela adminis-

tração racializada da violência. Ao atentar para os efeitos da "Operação Verão" para os jovens negros, favelados e suburbanos, procurei reforçar como a gestão da violência ocorre de forma territorializada no Rio de Janeiro, para além do espaço da favela. Tal política de segurança desvela que a associação entre negritude, favela e criminalidade não incide somente sobre os territórios favelados, e sim sobre toda a experiência de circulação na cidade (Leite; Machado Da Silva, 2013). Isso não implica excluir de todo as pessoas negras dos espaços: pelo contrário, argumentei como essa circulação é condição de possibilidade para a produção dos cartões-postais da "Cidade Maravilhosa". Em um sentido semelhante a Das e Poole (2004), compreendo que a representação, por parte da Riotur, de pessoas negras às margens dessa construção nos oferece pistas para entender como a sua força de trabalho é constitutiva do Rio (turístico).

Estudar a relação entre a regulação da circulação dos corpos negros e o Rio (turístico) nos convoca a desnaturalizar nossos cartões-postais, apesar da presença marcante da natureza, e entendê-los como produzidos dentro de uma lógica social racializada e, por isso, violenta. O artigo coloca, assim, um convite para repensar concepções ontológicas de "pessoas" e "espaços", destacando a relação complexa e sobreposta entre ambos (Hannam et al., 2006). Neste processo, o controle da mobilidade dos jovens negros e favelados não fere apenas o direito à cidade desses sujeitos, mas afeta a própria composição do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às queridas Giovanna Monteiro-Macedo e Thaís Gonçalves Cruz pela leitura cuidadosa e pelo incentivo à publicação deste trabalho. Também agradeço enormemente à equipe editorial da revista *Monções*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEY, Peter. If mobility is everything then it is nothing: towards a relational politics of (im) mobilities. *Mobilities,* v. 1, n. 1, pp. 75-94, 2006.

ANDERSON, Elijah. The White Space. *Sociology of Race And Ethnicity*, v. 1, n. 1, pp. 10-21, 2015.

BRITO, Márcia Elizabeth Gatto. *Os Indesejáveis: das práticas abusivas e ideologia dominante no enfrentamento aos sujeitos indesejáveis no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CAMPBELL, David. *Writing Security: United States foreign policy and the politics of identity*. Minneapolis: University Of Minnesota, 1992.

CNN Brasil. Ação de "justiceiros" em Copacabana pode configurar crime, dizem especialistas. 06 dez. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/acao-de-justiceiros-em-copacabana-pode-configurar-crime-dizem-especialistas/. Acessado em 15 de novembro de 2025.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. Introduction: state and its margins: comparative ethnographies. In: DAS, Veena; POOLE, Deborah (eds.). *Anthropology in the margins of the state*. Santa Fe: School of American Research, 2004.

ENLOE, Cynthia. Introduction: being curious about our lack of feminist curiosity. In: ENLOE, Cynthia. *The Curious Feminist*. Los Angeles: University of California, 2004.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas***.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Patrícia. A praia carioca, da colônia aos anos 90: uma(s) história(s). *Revista Contracampo*, vol. 12, n. 4, pp. 125-145, 2000.

FARIAS, Patrícia. Um "choque de ordens": uma análise sobre o controle do espaço público na orla carioca. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies,* v. 4, n. 2, pp. 163-190, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Sociedade, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978).* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *"A aventura de uns é a miséria de outros": mobilidades socioespaciais e pobreza turística*. Tese de livre-docência, Programa em Sociologia das Mobilidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. Epistemologia da laje. *Tempo Social*, v. 31, n. 1, p. 153-172, 2019.

FURTADO, Henrique Tavares. Confronting the gated community: towards a decolonial critique of violence beyond the paradigm of war. *Review of International Studies,* v. 48, n. 1, pp. 91-110, 2022.

G1. PM inicia 'Operação Verão' para coibir arrastões na orla da Zona Sul do Rio. 26 set. 2015. Disponível em: https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/pm-inicia-operacao-verão-para-coibir-arrastoes-na-orla-da-zona-sul-do-rio.html. Acessado em 15 de novembro de 2025.

G1. Prefeitura do Rio antecipa início da Operação Verão para o próximo fim de semana. 24 ago. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/24/prefeitura-do-rio-antecipa-inicio-da-operacao-verao.ghtml. Acessado em 15 de novembro de 2025.

G1. Mais de mil policiais são escalados para início da Operação Verão; agentes têm novo protocolo de abordagem a menores nas praias. 06 set. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/09/06/inicio-operacao-verao-no-rj-2024.ghtml. Acessado em 15 de novembro de 2025.

G1. PM e SEOP antecipam Operação Verão na orla do Rio com drones e mais de 2,3 mil agentes. 05 set. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/09/05/pm-e-seop-operacao-verao-na-orla-do-rio.ghtml. Acessado em 18 de novembro de 2025.

GOMES, Carina. A cidade, o turismo e a (re)invenção dos lugares: ausências e emergências nos imaginários turísticos urbanos. *Oficina do CES,* n. 366, pp. 1-20, abr. 2011.

GOMES, Caroline. *Corpos à margem: o controle da circulação de corpos negros e a produção da orla como símbolo da identidade carioca*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, pp. 223-244, 1984.

HANNAM, Kevin; SHELLER, Mimi; URRY, John. Editorial: mobilities, immobilities and moorings. *Mobilities*, v. 1, n. 1, pp. 1-22, 2006.

HOOKS, Bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: HOOKS, Bell. *Olhares Negros: raça e representação.* São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. *Quem é Marielle Franco?* Disponível em: https://www.institutomariellefranco.org/. Acessado em 18 de novembro de 2025.

LEITE, Márcia Pereira; MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Circulação e fronteiras no Rio de Janeiro: a experiência urbana de jovens moradores de favelas em contexto de "pacificação". In: CUNHA, Neiva Vieira da; FELTRAN, Gabriel de Santis (orgs.). *Sobre periferias: novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Introdução. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. "Violência urbana", segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. *Caderno CRH*, v. 23, n. 59, pp. 283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; MENEZES, Palloma Valle. (Des)Continuidades na experiência de "vida sob cerco" e na "sociabilidade violenta". *Novos Estudos CEBRAP*, v. 38, n. 3, pp. 529-551, 2019.

MANO, Apoena Dias. Morro de medo: regimes de mobilidades após uma década de Unidades de Polícia Pacificadora em favelas do Rio de Janeiro. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, v. 28, pp. 1-24, 2021.

MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1999.

OBSERVATÓRIO FLUMINENSE DE TURISMO. Perfil do turista estrangeiro que visita o estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação CEPERJ, pp. 32-33, jun. 2019. Disponível em: https://www.rj.gov.br/ceperj/sites/default/files/arquivos-paginas/OFT%20-%20Observatorio%20Fluminense%20de%20Turismo%20bardot%20%282%29.pdf. Acessado em 15 de novembro de 2025.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

O GLOBO. O lado sombrio do verão que frequenta as páginas policiais há 24 anos. 08 dez. 2015. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/o-globo-90-anos-lado-sombrio-do-verao-que-frequenta-as-paginas-policiais-ha-24-anos-16697803. Acessado em 15 de novembro de 2025.

PEREIRA, Rafael. *Mapa racial da cidade do Rio de Janeiro.* [S. l.], 2015. Disponível em: https://desigualdadesespaciais.wordpress.com/2015/11/04/mapa-racial-da-cidade-do-rio-de- janeiro/. Acessado em 10 de novembro de 2021.

POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO [PMERJ]. Polícia Militar e empresas de ônibus firmam parceria para combater ações criminosas em coletivos. 12 set. 2025. Disponível em: https://sepm.rj.gov.br/2025/09/policia-militar-e-empresas-de-onibus-firmam-parceria-para-combater-acoes-criminosas-em-coletivos/. Acessado em 19 de novembro de 2025.

POLYCARPO, Clara. De 'cartão-postal' a 'área de risco': a (re)produção de Copacabana em meio a novas disputas e territorialidades. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 14, n. 02, pp. 441-463, 2021.

RAMOS, Silvia; SILVA, Pedro Paulo da; SILVA, Itamar; FRANCISCO, Diego. *Negro trauma: racismo e abordagem policial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: CESeC, 2022.

RIOTUR. *Life style.* Prefeitura do Rio de Janeiro, Riotur, s.d. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/riotur/albums/72157717938824121/. Acessado em 15 de novembro de 2025.

SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 34, n.1, pp. 169-187, 2011.

SQUILLACE, Laura. Juventude e controle social: a Operação Verão no Rio de Janeiro através do olhar de agentes de segurança. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 121, pp. 25-48, 2020.

TELLES, Ana Clara. *Violência na cidade pós-colonial: imaginações, materialidades e experiências da violência na cidade do Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado, Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

THE GUARDIAN. Marielle Franco: ex-police jailed for decades over crime that shook Brazil. 31 out. 2024. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2024/oct/31/marielle-franco-brazil-murder-former-police-officers-sentenced. Acessado em 18 de novembro de 2025.

URRY, John; LARSEN, Jonas. *O olhar do turista 3.0.* SESC SP, 2022.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida.* São Paulo: Cia das Letras, 1994.

WALKER, R. B. J. The double outside of the modern international. *Ephemera: theory and politics in organization,* v. 6, n. 1, pp. 56-69, 2006.